

UMA ARTICULAÇÃO CULTURALISTA ABORDANDO A TRAVESSIA DO NARRADOR ELETRÔNICO PELA GALÁXIA DE GUTENBERG

A CULTURALIST ARTICULATION ADDRESSING THE ELECTRONIC
NARRATOR'S CROSSING BY THE GUTENBERG GALAXY

UNA ARTICULACIÓN CULTURALISTA HACIA EL PASO DEL NARRADOR
ELECTRÓNICO POR LA GALAXIA DE GUTENBERG

Davi Junqueira Marin

PPGCOS / PUC-SP

ORCID: 0000-0001-6231-1136

São Carlos, SP, Brasil

Recebido: 21/08/2020 / Aprovado: 16/03/2025

Como citar: MARIN, D. J. Uma Articulação Culturalista Abordando a Travessia do Narrador Eletrônico pela Galáxia De Gutenberg. Revista GEMInIS, v. 16, p. 199-217, 2025

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

A partir de revisão de textos de autores como Benjamin, Debord, Ricoeur e Baudrillard, desenhamos aqui em nosso tempo presente, a partir da imagem que nos traz McLuhan com sua Galáxia de Gutenberg e a crítica benjaminiana acerca da morte do narrador, uma imagem culturalista com suas relações entre o mito e seus narradores desde o evento *supernova* que se estabelece entre a era gutenberguiana e a aurora eletrônica nascente pelas mãos de seu maior empreendedor na atualidade: Mark Zuckerberg. Como resultado, trazemos o conceito de narrador eletrônico enquanto alternativa sistêmica que substitui o tradicional modelo oral-ancestral.

Palavras-chave: Galáxia de Zuckerberg; narrador; cibercultura.

ABSTRACT

Based on a review of texts by authors such as Benjamin, Debord, Ricoeur and Baudrillard, we have drawn here in our present time, based on the image brought to us by McLuhan with his Gutenberg Galaxy and Benjamin's critique of the death of the narrator, a culturalist image with its relations between myth and its narrators since the supernova event that was established between the Gutenbergian era and the emerging electronic dawn at the hands of its greatest entrepreneur today: Mark Zuckerberg. As a result, we bring the concept of the electronic narrator as a systemic alternative that replaces the traditional oral-ancestral model.

Keywords: Zuckerberg Galaxy; narrator; cyberculture.

RESUMEN

A partir de una revisión de textos de autores como Benjamin, Debord, Ricoeur y Baudrillard, dibujamos aquí en nuestro presente, a partir de la imagen que nos trae McLuhan con su Galaxia Gutenberg y la crítica de Benjamin a la muerte del narrador, una imagen culturalista con sus relaciones entre el mito y sus narradores a partir del evento supernova que se establece entre la era gutenberguiana y el amanecer electrónico emergente de la mano de su mayor empresario hoy: Mark Zuckerberg. Como resultado, acercamos el concepto de narrador electrónico como una alternativa sistémica que reemplaza el modelo oral-ancestral tradicional.

Palabras Clave: Galaxia Zuckerberg; narrador; cibercultura.

1. CULTURA: o mito e o narrador

“a mercadoria contempla a si mesma no mundo que ela criou.”

Guy Debord

As teorias culturalistas¹ arrastam para si a abertura e o fechamento de uma totalidade sobre a condução da cultura, ou das culturas humanas. Uma teoria culturalista da comunicação vai nos dizer que a comunicação é quem molda a cultura, e não o contrário. As teorias culturalistas da comunicação – e o campo é vasto – ainda que com autores que circulem entre outras fronteiras e campos da mesma forma específicos ou genéricos, sustentam a comunicação enquanto raiz para as outras teorias, outros conceitos, outras ideias em uma relação interdisciplinar e, portanto, abrangente. Mas em resumo, é isso: para os culturalistas da comunicação, a comunicação é o centro e raiz de tudo, pilar da cultura e da sociedade. As teorias culturalistas da comunicação tem a comunicação enquanto arquiteto e arquitetura do universo, ainda que esse universo seja circunscrito àquela determinada análise.

Partindo desse aspecto de vontade de totalidade, a história da comunicação não é feita apenas de signos maquínicos, analógicos ou eletrônicos (LAZZARATO, 2014) que existem apenas nesses nossos últimos tempos. O hoje pertence a um percurso histórico amplo que se confunde com a origem das coisas, do mundo, do universo, de nosso conhecimento sobre qualquer coisa. Origem de nós mesmos. Nos tempos em que corpos apenas pintavam, esculpavam, falavam, construam e sonhavam longe das conexões em rede e *hubs* USB, uma figura tinha especial relevância não apenas romântica, mas também política e religiosa: é a figura do narrador que, expandindo ao passado mais ancestral, chegamos à nossa referência indo-europeia dos tempos mitológicos da Grécia antiga, arcaica, onde os poetas-narradores de *mýthos*, chamados de *aedos* pelos gregos, tinham múltiplas responsabilidades. Esses verdadeiros sacerdotes da cultura foram os responsáveis pela história humana ocidental como a conhecemos hoje. Mas não bastasse esse feito imenso, de narrar e repetir as mesmas histórias ao longo de séculos, criando nossa atual noção de existência tanto no tempo e no espaço quanto em nossa psiquê através dos arquétipos enquanto legado definitivo daquelas narrativas, esses poetas-narradores conduziam não apenas a vida da cultura, da comunidade ou da sociedade, mas conduziam espíritos através de sua jornada encarnatória ou desencarnatória. Através dos mundos e submundos dos *mýthos* e dos homens, os narradores ajudaram na condução das almas por entre as referências narradas. O sacerdócio, na Grécia arcaica, era tarefa e função dos poetas narradores, como

¹ *Teorias Culturalistas da Comunicação* é uma disciplina ministrada no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, o PPG COS, da PUC-SP/Perdizes, pela profa. Dra. Lucrecia Ferrara.

o fazem hoje os padres na igreja católica e os bispos evangélicos. Os narradores, e depois os filósofos, eram os altares da verdade de mundo, das verdades tanto divinas quanto mundanas que conduziam a cultura naqueles tempos, onde o espírito humano estava na palavra falada e cantada, e depois escrita (DETIENNE, 1988; GARCIA-ROZA, 1995; ENGEL e RORTY, 2008), muito antes das revoluções iluministas de uma era já tipografada, impressa.

Walter Benjamin (2013, 2014), estudioso do romantismo alemão junto com outros que formavam a escola da teoria crítica da sociedade, a escola de Frankfurt, na primeira metade do século XX na Alemanha pré-nazista, via na figura do narrador algo de romântico e poético, mas triste e nostálgico diante dos adventos da reprodutibilidade técnica das artes, o avanço da imprensa, do telégrafo, do telefone, do rádio e principalmente do cinema. Para ele, a morte do narrador tradicional, como ele apontava através da leitura de Nicolai Leskov, trazia a compensação do acesso das massas às narrativas, depois de tantos séculos apartadas pelas relações de mais valia e pelas formas de dominação e poder que conduziram os rumos da Europa ao longo de dois milênios depois de Cristo.

Mas nem só de lutos, críticas e desalentos é feita a jornada de nosso narrador de Walter Benjamin pela história de todas as histórias. A face do narrador se confunde com a jornada do herói narrado. A narrativa humana é uma narrativa de renovação na esperança, de renascimentos e de ressurreição. O *mýthos* (RICOEUR, 2016) definitivo da cultura judaico-cristã, herdeira dos *mýthos* e das culturas helênicas, nórdicas e ameríndias é a própria encarnação, para seus seguidores, da Vitória do Espírito Santo que não cede, que vive para sempre, que vence a morte e ressuscita e se faz indiferente a qualquer intempérie do destino. Aquele que vive aquilo que narra, que vivifica suas palavras em ações por Ele mesmo, em seu próprio sangue, carne e espírito. Ele é aquele narrador que se auto transpõe a si mesmo entre os mundos por ele mesmo, o hermético de toda a sua própria ciência e consciência por natureza, em cima e em baixo, dentro e fora: seja no mundo dos vivos, seja pelos submundos, seja no mundo dos espíritos ou pelas fantasias humanas. Para muitos, é Ele, Jesus, o arquétipo que contém todos os arquétipos, o *mýthos* acima de todos os *mýthos* do Olimpo, ainda que desacreditado ou tragado às esferas opacas dos materialistas das lendas fantasiosas, cada vez mais substituído pelas experiências oferecidas pelos simulacros dos dispositivos mercadológicos e de comunicação:

Pois o mito é modo simultâneo de percepção e consciência de um complexo grupo de causas e efeitos. Numa era de percepção e consciência fragmentária e linear, tal como a produzida pela tecnologia de Gutenberg, para ser logo grandemente exagerada por essa mesma tecnologia, a visão mitológica faz-se algo de completamente opaco. (MCLUHAN, 1972, p. 354)

Com o surgimento da astronomia e da astrofísica, seus termos, ideias e conceitos também se popularizam e ganham novas conotações. Observando Marshall McLuhan ao apresentar-nos o macro evento que ele chama de *Galáxia de Gutenberg*, nosso destino de comunicação e narrativas sociais parece fadado a uma entropia que patina para dentro de seus próprios processos, cada vez mais para dentro de seus próprios monstros-efeitos-resultados não calculados de toda essa tecnologia e desenvolvimento das comunicações. Esses ameaçam constantemente o aprisionamento de nossas histórias humanas em dispositivos criados por uma inteligência de toda nossa coletividade, parecendo formar o corpo de uma presença alienígena no ambiente. Mas no fundo do poço sempre tem uma mola, e a mola sempre dispara. E a mola já disparou, e seu nome é *internet*. Novo mundo a germinar novas genéticas eletrônico-artificiais, o nome da mola é *World Wide Web* que chega confirmando as esperanças de Marshal McLuhan na *Aldeia Global*, e que chega para salvar o narrador ameaçado de Walter Benjamin, revertendo todo o processo entrópico ao narrador em uma possível neguentropia entre o fim anunciado por alguns da Galáxia de Gutenberg e a aurora da nova galáxia, essa *supernova* de brilho intenso em que nasce a nova estrela Zuckerberguiana.

A figura do narrador que promove Benjamin é uma figura que vive em todos nós, somos todos nós, em nossa humanidade e em nossa necessidade intuitiva de permanecermos vivos nas memórias de nossos entes futuros. Não queremos a *Galáxia de Gutenberg* mergulhada para sempre em um buraco negro, queremos ela girando para fora, uma mola que dispare desde sua origem e seu centro luminoso, iluminando toda a humanidade e seus universos em sua *Aldeia Global*. O tipográfico não precisa morrer para justificar a presença do digital.

O homem, a figura humana, a representação que traz para si cada disciplina, assim como faz a sociologia com seu homem sociológico ou homem social², é também nossa personagem-sujeito-objeto dentro de nosso processo macro ambiental e histórico identificado aqui como um processo de comunicação e das comunicações. Um percurso culturalista gerador de sentidos (LANDOWSKI, 2014).

Nossa vida sobre o planeta se desdobra como uma narrativa, muitas vezes parecendo obedecer a um padrão ou programa pré-estabelecido (PROPP, 2010). Nossa jornada, heróica ou não (VOGLER, 2006), acontece sem dar-mo-nos conta na maioria das vezes, de um jeito ou de outro, seja

² (...) Marx cunha um conceito que, em meu parecer, é central para compreender a subjetividade da multidão contemporânea. (...) É o conceito de “indivíduo social”. (...) O indivíduo é *social* porque nele está presente o *general intellect*. Ou também, recordando de novo o Marx dos *Manuscritos*, porque nele manifesta-se abertamente, junto ao singular, o *gattungswesen*, a “existência genérica”, o conjunto de requisitos e faculdades da espécie *Homo sapiens sapiens*. “Indivíduo social” é um oxímoro, uma unidade dos opostos (...). (VIRNO, 2013, p. 60)

a favor ou à revelia de nossas vontades. Somos condutores de nós mesmos, mas também em uma medida em que somos conduzidos por outros. A jornada dos heróis se confunde com a do escritor, do leitor, do ator, do diretor, do cineasta e, por fim, do patrocinador.

Reconhecendo a natureza de narradores natos que somos, desde nossas origens sociais e culturais, ou melhor, origens de comunicação, como afirmam as Teorias Culturalistas, é de nossa natureza contarmos nossos feitos, narrarmos nossas próprias versões da história, perpetuando em nossos ouvintes e espectadores – desde nossa antiguidade em paredes e vasos de pedra, teatros de arena e trovas de rua, mesmo nesse exato momento em que apresento essas ideias à vossa apreciação – nossa espécie e nossa memória, nossa genética.

O grande espetáculo da sociedade que falava Guy Debord, com seus ácidos comentários, está apenas começando. O autor aponta seu olhar crítico sobre os sistemas corporativos de comunicação, a grande imprensa e as publicidades, desde a virada do século XIX até a segunda década do século XX. A sociedade espetacular em torno da chamada mercadoria que falava Debord hoje se transforma em uma sociedade meta-espetacular, de muitos espectros, de pluri e multifacetados espetáculos. Multitelia em pleno voo dromocrático governando nossas vidas ao gerenciar nossos tempos. (TRIVINHO, 2007). Essa é a *internet* das coisas que realiza suas profecias hoje em dia e mostra suas presenças pulverizadas por todos os cantos. Ela é em si, também, uma mercadoria, talvez a maior de todas, a mais bela, a mais completa, a mais sedutora. Teorias críticas à parte, estar na *internet*, pertencer à ela, estar entregue à teia global significa possuir e ser a mercadoria de Guy Debord.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. (DEBORD, 1997, p. 30)

E a teia se faz presente em todas as outras mídias, em todos os outros dispositivos, e todos os seus precedentes e antepassados querem se adaptar, em alguma medida, à ela. Nem bem chegou e já quer sentar na janelinha: o tipográfico e o analógico só falam dela.

Assim como foi idealizada sem prever suas consequências negativas, as invenções de Gutenberg e seus sucessores trabalharam pelo desenvolvimento e popularização do conhecimento, da informação e da democratização dos procedimentos e da educação, das ciências e das leis, das normas e das artes. Nesse caldo de efervescência cultural criativa, surge o capitalismo em seu *grosso modo* como ainda o percebemos hoje. Os livros, a imprensa, as mídias, a fotografia, o cinema, os computadores e todo o universo que deriva de tudo isso, parece agora ressuscitar e se renovar em

esperanças com uma nova roupagem eletrônica que pode alcançar os voos tão sonhados dos idealistas e resistentes de todos os tempos, com cada nova tecnologia e cada nova técnica, com cada novo dispositivo. A *internet* é tudo isso ao mesmo tempo aqui e agora, para todos os lados, em todos os espaços, em todos os sentidos.

2. A NOVA GALÁXIA: o giro da multidão

A *web* se faz em uma nova linguagem a cada dia, em um novo alfabeto, até mesmo em um novo sentido dentre nossos cinco sentidos. E que sentido será esse que parece estar despertando e já se inclui dentre nossos velhos cinco sentidos? McLuhan falava de tatilidade dos meios, de meios áudio-táteis e das visualidades das mídias e dos meios lineares do mundo impresso, de meios quentes e frios de acordo com o volume e qualidade de informação comunicada na relação emissão-recepção, mas a *internet* não traz de volta apenas o mundo áudio-tátil retribalizado da *Aldeia* McLuhaniana. Ela parece trazer todo um novo sentido de apreensão cognitiva do mundo pelo corpo humano. Parecem cinco sentidos todos ao mesmo tempo que se traduzem em um novo sentido, mesmo sem uma interação mais direta de nossas papilas gustativas e nossos sentidos olfativos. A *internet* transforma corpos em super corpos, e os sentidos em super sentidos. Talvez ela seja a materialização dos desejos de um sexto sentido, ou o próprio sexto sentido, sem saber se pertence ou não ao próprio corpo, sem saber se é espírito ou mente, se é alma ou matéria, avisando que o que vem é apenas o que vem (AGAMBEN, 2013).

Essa rede mundial de computadores é hoje o centro galaxial de toda a tecnologia gutenberguiana, é o local para onde toda a comunicação humana quer convergir, onde tudo cabe, onde tudo é possível. Formas, formatos e conteúdos convergem para a *internet*. Não é novidade. Livros originais escaneados, pinturas clássicas, plantas arquitetônicas, textos, compilações, notícias de toda hora, de todo dia, narrativas de toda sorte, histórias sem fim. Tudo, tudo o que sabemos ou já soubemos um dia ser a Galáxia de Gutenberg, hoje alimenta a *internet*. E ela pulsa, de seu centro para fora, deglutindo, digerindo e regurgitando, irradiando tudo o que sabe. E então permite o *feedback*, o retorno, de suas extremidades e periferias galaxiais de volta para seu centro de controle e comando, numa espécie de implosão dos simulacros que a antecedem, fazendo uso aqui dos termos e conceitos explorados por Baudrillard (1991, págs. 93-96). Implosão de si mesma sobre si própria, a nova *web* é a implosão da velha Galáxia sobre si mesma, gerando uma *supernova* que promete ainda mais.

Dominar a *internet* e seus centros de controle e comando, assim como dominar suas periferias cheias de informações em efervescência parece ser a nova chave para a sobrevivência de

qualquer povo, de qualquer cultura, de qualquer cidade ou país. As corporações e as empresas, e só depois os governos, da mesma maneira sem novidade pelos corredores da mercadologia, já se servem dessa mineração a céu aberto desde a virada do milênio. Servindo de mero gatilho para o Quinto Poder (MARIN, 2022), entre os usuários na Aldeia Global profetizada por McLuhan o clima nem sempre é de cooperação. Pelas tribos e etnias a navegação pode ficar nebulosa mergulhada em tantos interesses e jogos de poder que também aproveitaram para se transferir, mudar de roupa, de “lugar”, de ambiente, de espaço, e continuam cada vez mais vorazes. Apenas mudaram de mídia, de meio, seguindo o mesmo *modus operandi*. E, se de acordo com McLuhan, os meios forem realmente as mensagens, então nossos destinos físicos e mentais, espirituais e culturais dependem das escolhas que fazem os meios com suas mensagens a nos tatearem em nossos sentidos audiovisuais. Será possível dividir ou definir a *internet* entre o bem e mal? Nesse ponto, hoje vivemos as bolhas, que surgiram da evolução exponencial da aplicação dos algoritmos que vieram sob a égide da melhoria do desempenho da navegação de cada um, de acordo com seus históricos de interesse (SANTAELLA, 2019, págs. 13-28).

A nova *Galáxia* gira para fora. A entropia foi revertida. O narrador não mais quer anunciar sua morte, mas sua ressurreição. A morte das utopias desde o pós-guerra fria até a virada do milênio, como sugerem alguns autores, no ponto onde muitos davam como certo um buraco negro no centro da *Galáxia Gutenberguiana*, encontramos a mola disparada que volta a refletir todas as narrativas contidas em cada pequeno narrador que somos todos nós, desencadeando um processo de *feedback* que não encontra precedentes na história da humanidade, e que não deverá encontrar barreiras nem dificuldades para expandir-se *ad infinitum*. Ao menos sob um ponto de vista social, comunitário, não deveria.

As novas gerações já nascem e vivem na volta do narrador que somos todos nós. O sintoma mais evidente da comprovação que estamos sim em vias de experimentar um retorno em escala global ao que McLuhan chamou de *aldeia*, em obras posteriores à sua crítica *Galáxia de Gutenberg*, está em autores como Milton Santos. Unindo a visão crítica de Santos ao termo *aldeia* realçado por McLuhan, sob o ponto de vista da necessidade de organização da sociedade civil, os instintos se afloram em bolhas (SANTAELLA, 2019, págs. 13-28) na tentativa ou busca desesperada por proteção das ameaças da sociedade da informação. Ao mesmo tempo em que reagimos com ela e com seus mecanismos, a partir dela mesmo – a galáxia informacional – os territórios ocupados pela comunicação estrangeira neoliberal erodem as culturas locais em favor de um hibridismo *glocal* (TRIVINHO, 2012):

(...) a essencialidade do Estado para assegurar o bem-estar social numa época de globalização é lembrada por J. Delcourt (1992), e a inelutabilidade de uma resposta popular internacional é prevista por S. Picciotto (1991), o que legitima a imperiosidade da elaboração de um projeto nacional (G. Neves, 1994, p. 275) para cada país que deseje ter algum comando no processo de sua inserção na nova ordem global que se desenha.

O território é a arena da oposição entre o mercado – que singulariza – com as técnicas da produção, a organização da produção, a “geografia da produção” e a sociedade civil – que generaliza – e desse modo envolve, sem distinção, todas as pessoas. Com a presente democracia de mercado, o território é suporte de redes que transportam as verticalidades, isto é, regras e normas egoísticas e utilitárias (do ponto de vista dos atores hegemônicos), enquanto as horizontalidades levam em conta a totalidade dos atores e das ações. (SANTOS, 2014, p. 245-259)

A natureza da *internet* hoje reflete sim todas as lógicas de mercado, que é a expansão acelerada e para todos os lados, mas agora temos um diferencial: a territorialidade e a natureza desse espaço de interação e dominação. Enquanto a natureza do mercado esbarra em problemas de logística, matérias primas e mão de obra qualificada de baixos custos, a *internet* prefere se pulverizar por todo o globo mesmo de forma gratuita para garantir sua dominação ideológica, e é nessa brecha que entram todos os agentes que deverão construir a *aldeia global*, ou talvez reinventando o termo de McLuhan, uma *Aldeia Glocal*. A começar pelos governos, que devem garantir o acesso de forma barata ou gratuita à essa gigantesca teia de aranhas que se espalha pelo sistema de todas as nações, em todas as suas esferas municipais, estaduais e federais, e quaisquer que sejam suas formatações, formas e formatos ao redor do planeta.

O novo ciclo global de lutas é uma mobilização do comum que assume a forma de uma rede aberta e disseminada, na qual não existe um centro exercendo controle e todos os modos expressam-se livremente. (...)

Acreditamos que a criação da democracia é a única maneira de consolidar o poder da multidão e, inversamente, que a multidão nos fornece um sujeito social e uma lógica de organização social que tornam possível hoje, pela primeira vez, a realização da democracia. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 282-283)

As escolas, as instituições públicas, as entidades e organizações civis sem fins lucrativos ou não, pequenas empresas, pequenos empreendedores, pequenos artesãos, profissionais de diversas áreas e pessoas de todas as ideologias, raças, credos, culturas e esperanças hoje se buscam a cada instante na esperança de encontrar um espelhamento definitivo que retroalimente suas esperanças. Isso sem sairmos de casa, ou de nossos sítios, de nossas chácaras, de nossas cidades ou de qualquer lugar.

(...) ao longo de toda a história, os seres humanos têm recusado a autoridade e o comando, manifestado a irredutível diferença da singularidade e buscado a liberdade

em inúmeras revoltas e revoluções. Essa liberdade não é dada pela natureza, naturalmente; ela só se manifesta mediante constante superação de obstáculos e limites. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 285)

Claro que passados alguns anos de “*internet* para todos” o discurso parece retroceder ao lugar comum de ser apenas “mais do mesmo”, como se diz por aí. Creio que o trabalho de cada um de nós seja o de buscar sempre algum tipo de evolução e melhoria em nossos ambientes, sempre dentro ou a partir do possível, ainda que apenas de cunho estritamente pessoal. A partir daí, o julgamento sobre o que é bom ou ruim deve então extrapolar a esfera individual e partir para uma esfera coletiva, e coletividades também possuem seus interesses diversos e muito particulares. Questão definidora da formação das bolhas pelas redes (SANTAELLA, 2019, págs. 13-28), cabe então, mais uma vez, eleger a coletividade que queremos para nós enquanto indivíduos, e buscarmos nossa emancipação individual dentro de uma busca também coletiva para uma emancipação também de nossos entornos e coletividades. Ou seja, cabe a nós a escolha das mensagens a serem o meio, o tipo de intenções e ideologias, o jogo de forças que queremos estabelecer com o meio e com suas mensagens. A responsabilidade da história sempre foi do narrador, e continua sendo. O jogo na disputa pelo quinto poder do usuário traz em seu bojo também responsabilidades digitais e eletrônicas. E a *internet* reproduz, dentro dela mesma e a partir dela sozinha, os mesmos padrões de uma galáxia, mas cujos movimentos seguem ainda indefinidos sob o ponto de vista das mudanças que ela pode operar socialmente, embora já com sinais de evolução desde a *Galáxia de Gutenberg* (estamos falando de Primavera Árabe, Mídia Ninja, Edward Snowden e a comunidade de *hackers* virtuais sem endereço) no espaço não apenas dos dias, dos anos, mas de décadas que podem definir séculos adiante.

(...) uma rede distributiva como a Internet constitui uma boa imagem de base ou modelo para a multidão, pois, em primeiro lugar, os vários pontos nodais se mantêm diferentes, mas estão todos conectados na rede, e além disso as fronteiras externas da rede são de tal forma abertas que novos pontos nodais e novas relações podem estar sendo constantemente acrescentados. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 14)

Os interesses do capitalismo hoje dito global e desterritorializado também atendem à uma agenda de seu coletivo. A palavra coletivo aqui então perde seu sentido mais óbvio e até mesmo desgastado que se refere muitas vezes à um coletivo apenas marginalizado, excluído, pobre ou de qualquer outra natureza nomeadamente diferente desse coletivo então global, globalizante e desterritorializado e sem freios que é o coletivo do capitalismo neoliberal (termos esses sim que parecem sempre ser “mais do mesmo”).

A globalização, contudo, também é a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que se alargam pelas nações e os continentes, facultando uma quantidade infinita de encontros. Esta segunda face da globalização não quer dizer que todos no mundo se tronem iguais; o que ela proporciona é a possibilidade de que, mesmo nos mantendo diferentes, descubramos os pontos comuns que permitam que nos comuniquemos uns com os outros para que possamos agir conjuntamente. Também a multidão pode ser encarada como uma rede: uma rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 12)

Hoje se fala em “multidão” para designar um grande coletivo em escala global que vive dentro de moldes muito diversos e de grande multiplicidade. O embrião de outrora da *Aldeia Global* hoje já cresce amplamente nessa categoria de pessoas identificada ou denominada por Michael Hardt e Antonio Negri – uma grande massa que se une e se espelha através das nações, independente de línguas, comportamentos ou hábitos de mercado e de consumo – a “multidão”. É mais um termo cunhado por cientistas políticos e sociólogos que parece ser sim mais do mesmo, porém é necessária a distinção frente aos termos anteriormente utilizados.

Na multidão, as diferenças sociais mantêm-se diferentes, a multidão é multicolorida. Desse modo, o desafio apresentado pelo conceito de multidão consiste em fazer com que uma multiplicidade social seja capaz de se comunicar e agir em comum, ao mesmo tempo em que se mantém internamente diferente. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 13)

A característica que traz coesão e coerência ao texto “multidão” é a conectividade. Thomas Hobbes cunhou o termo “povo”, e depois veio Karl Marx com os termos “burguesia” e “proletariado” em suas lutas de classes. Ainda que esses dois autores estejam separados por alguns poucos séculos e as realidades de ambos tenham alguma diferença com a relação à estrutura social, política e econômica, a revisão do termo “multidão” chega em uma época em que povo e burguesia parecem ser a mesma coisa até mesmo que “classe operária”, classes essas todas que se percebem incluídas socialmente, com direitos adquiridos garantidos ao longo dos anos e que continuam a gerar abismos sociais e pobreza. A multidão não necessariamente inclui os excluídos economicamente, mas se caracteriza por uma enorme massa contingencial ao redor do globo que se percebe na emergência de uma nova ordem. Ricos, muito ricos, classes médias, assalariados, profissionais liberais e independentes, artistas, jovens, crianças, idosos, homens e mulheres aposentados ou em idade de trabalho, deficientes e homossexuais, todos estão juntos e conectados também com os mais pobres, ou com os mais excluídos socialmente, até mesmo os muito pobres.

A língua que se fala é a língua do trabalho, a consciência e a inconsciência que se pode ter do mundo é a partir do ponto de vista da semântica do trabalho (LAZZARATO, 2006). No mundo industrial especialmente urbano, o trabalho assalariado se tornou a língua, a linguagem do homem comum, com uma gramática e uma semântica própria, que passa a dirigir e direcionar as consciências desses homens trabalhadores. Mas essa relação dos homens com os moldes de trabalho que detinham esse padrão marxista de troca de suas forças por um salário mês a mês, ordenado e assegurado, que se traduzia em estabilidade social em troca de uma “alma vendida” para a ideologia proposta pelas mídias, também mudou.

Até mesmo os muito pobres são parte da multidão: a multidão de Negri e Hardt não admite exclusão, ela inclui a todos que à ela acenam, em rede. Mas “multidão” deve aparecer mais como uma nova burguesia em escala global, ou glocal (TRIVINHO, 2012). A diferença agora é que a classe operária também já é burguesia, ou ao menos compartilha totalmente seus ideais sem necessariamente estar inserida por eles ou ganhando dinheiro com eles, o que é pior ainda. Mas isso faz parte da máquina ideológica que pulsa seus nós galaxiais e que se implode de volta em seus mesmos nós, em um movimento de pulsar o todo na parte e a parte no todo, mas nenhuma parte está realmente pelo todo, e o todo não está realmente para suas partes. Essa é apenas uma das faces da entropia do padrão da *Galáxia de Gutenberg*, que agora se traveste para *Galáxia de Zuckerberg*, aludindo livremente aqui ao cofundador do portal social *Facebook*, que já é um meio em si mesmo dentro da *internet*, com suas mensagens padronizadas que esterilizam e padronizam as culturas ao redor do globo em torno de um único aplicativo no *smartphone*. Esse novíssimo padrão dentro da galáxia da *internet*, está matando a própria *internet*, a própria esperança de idealistas que construíram e constroem todos os dias essa rede maravilhosa.

Certamente pode haver pontos ou nodos fora de uma rede, mas nenhum está necessariamente do lado de fora. Suas fronteiras são indefinidas e abertas. Além disso, devemos lembrar que a multidão é um projeto de organização política, e, portanto, só pode ser concretizado mediante práticas políticas. Ninguém fica necessariamente excluído, mas a inclusão não é garantida. A expansão do comum é uma questão prática e política. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 289)

Será isso uma vitória ou uma derrota? Se não houvéssemos criado essa então, “outra multidão” de pobres e miseráveis e doentes e totalmente excluídos de qualquer sistema, de qualquer galáxia, eu diria que seria sim uma vitória. Mas essa outra multidão de pobres e soterrados pela *Galáxia de Gutenberg* para dentro de uma grande vala de anonimato social simplesmente não existia nem mesmo para as críticas de Karl Marx às épocas da feitura de sua mais famosa obra, *O Capital*. Existe sim uma multidão fora da “nova multidão”, os excluídos da *Galáxia de Zuckerberg*, mas ela

deverá receber outro nome, ou talvez já nem seja digna de nomeação científica, e isso também é assunto que merece outra redação que não cabe o desenvolvimento aqui dentro do escopo dessa articulação.

Qual é o plano do Facebook para dominar o mundo?

Mark Zuckerberg anuncia manifesto para construir uma comunidade global. Não é um exagero. Antes fosse.

(...)

Acrescente-se que, no Brasil, 55% pensam que o Facebook é a internet, assim como 58% na Índia, 61% na Indonésia e 65% na Nigéria, diz pesquisa da revista *Quartz* de fevereiro de 2015. A maioria dessas pessoas jamais pagará assinaturas físicas ou digitais de jornais e revistas e aceitará a informação como for apresentada na rede de Zuckerberg.

A possibilidade de descobrir outra coisa nem sequer existe para os mais de 40 milhões de usuários da internet.org, parceria de Zuckerberg com empresas de telecomunicações que oferece conexão grátis limitada ao Facebook e Wikipédia em vários países da América Latina, África e Ásia. (CARTA CAPITAL, 2017)

Questão que ancestralmente era responsabilidade dos poetas e narradores, os *aedos* (DETIENNE, 1988), a exemplo da romântica imagem que fazemos da Grécia arcaica, hoje, quem não se registra em mídias sociais, em meios ou acontecimentos que sejam dignos algum ou qualquer noticiamento, ou registro em ao menos um banco de dados qualquer, corre o risco de não existir até mesmo em mundos espirituais pós-morte. Mas isso é também outro assunto acerca das memórias quânticas dos objetos e indivíduos e sua permanência e imanência no universo conhecido, seja ele físico ou metafísico, ou quanticamente físico.

A questão econômica, os abismos sociais existem, e talvez eles nunca terminem, mas a inclusão de massas de excluídos e até mesmos dos pobres nessa zona informacional trazem um novo senso de pertencimento à Tribo. Que os veículos se reinventem para sobreviver é bastante válido e justo, mas as oportunidades não param por aí. É preciso instrumentalizar os cidadãos para ensiná-los a aprender para terem iniciativas e espírito crítico. A brecha da liberdade que podemos estar visualizando dentro desse processo culturalista da comunicação não chega de mãos-beijadas. Todos têm interesses a serem garantidos e defendidos, e todos querem dizer-se donos de um pedaço do Sol.

O espírito da divindade, o lugar dos deuses para onde conduziam os narradores de mitos com seu ofício poético, hoje está de portas fechadas e a esfera celeste tem donos. E a *world wide web* é esse Sol que pode ficar em letras minúsculas e em luz opaca caso seu brilho seja controlado e medido raio por raio, codificado e transformado em apenas mais uma simulação, em mais um simulacro que

implode a si mesmo em buraco negro. O destino da galáxia, uma galáxia que nem é nossa, está em nossas mãos. Ou salvamos a galáxia inteira antes que ela se torne a *Galáxia de Zuckerberg*, ou seremos dragados por ela nos moldes da *Galáxia de Gutenberg*. Ou pior, sem a esperança de uma nova tecnologia com uma nova promessa de liberdade, caso não surja nada mais além da *internet*, apenas sua evolução tecnológica girando em torno dela mesma, apenas a última mercadoria de Guy Debord.

3. O NOVO NARRADOR ELETRÔNICO: buraco negro de Gutenberg, *supernova* de Zuckerberg

Nas teorias literárias de Paul Ricoeur (2016), encontramos a ideia de transmutação e transposição do *mýthos*, ou transmutação e transposição mitológica, que esse autor explora pela linha da ação narrativa no tempo narrado. São teorias que traduzem o trabalho prático dos autores romancistas e novelistas, da ficção, mas que também podem ser associadas ao narrador oral da ancestralidade ou trazidos para nossos dias mais atuais, onde as fronteiras entre emissores e receptores estão mais difusas e a identidade do narrador já não recebe a importância que recebiam os poetas gregos. Se a narrativa transmuta e transpõe o *mýthos*, a evolução e o progresso tecnológico transmutam e transpõem os narradores. Se o *mýthos* é o mesmo na referência histórica, o narrador mudou: hoje ele já não é só carne e osso, ele é algoritmo, é a televisão, o rádio, o cinema, a mídia em geral de forma genérica. Se a personificação do *mýthos* está mantida em sua transposição ao longo do tempo na ação da narração, o narrador em si, como coloca Benjamin, se transpõe metamorfoseando-se: talvez tenhamos a referência aos *mýthos*, mas perdemos a referência ao narrador quanto mais seu ofício se massifica pela tecnologia e pela sua popularização. No entanto, o que temos hoje é uma grande desresponsabilização pela história humana, pela narrativa, pela experiência de vida e de morte, uma desnarrativização (HAN, 2017, pág. 44). O que temos é dissolução da responsabilidade do narrador: todos os envolvidos delegam a responsabilidade histórica – tanto do passado, do presente quanto do oracular futuro – ao sistema de comunicação. Se a crise da cultura é real, ela é, antes mais nada, parte de uma teoria culturalista da comunicação em que a comunicação, sendo a pedra de toque da cultura, faz tudo, menos se responsabilizar pela história. O jornalismo, ovacionado, é mera informação, e tanto quanto o cinema, o que fica é o espectro de uma abstração: o capital e nada mais. Escritores, jornalistas, cineastas: todos funcionários, empregados em um todo maior, o espectro da mais valia

A face positiva de uma promessa chamada *internet* que pode servir de esperança para o padrão de rotação da *Galáxia de Gutenberg* é justamente seu caráter democrático e participativo, interativo e imersivo, que se coloca, dada a natureza de seu meio, sempre aberto a respostas de seus usuários em tempo integral, constantemente. Contrastando com qualquer outro tipo de instrumento de comunicação já criado até aqui, a *internet* é diferente até nos aspectos semióticos de apreensão de sentidos, de formas de leitura, de intercâmbio de informações. A começar pelas diferenças de aspectos que constituem o meio, em comparação à TV, o rádio, o cinema, os livros e toda mídia impressa – tecnologias gutenberguianas de pensamento linear homogêneo que já estão todas absorvidas pela *internet* – o tempo de resposta, em todos eles, nunca foi tão veloz. Mesmo em tempos de telefone e rádios ao vivo *broadcasting* em tempo real para todo o mundo.

Nosso narrador está, de certa forma, totalmente entregue. Já não há mais segredos a serem mantidos, já não há mais segredos a serem revelados, está tudo exposto, e aquilo que ainda não está, quer ser visto de alguma forma.

A *internet* tem suas corporações, seus mecenas, seus governos que a legitimam ou a derrubam, mas ela é, como nunca antes na história, uma voz plural que representa e fala em nome de uma multidão. Mesmo que falsas e planejadas, as culturas dos livros, da mídia impressa, do rádio, do telégrafo, do telefone, do cinema com a televisão prometeram (e ainda prometem até hoje) a distribuição de riquezas que se seguiria à distribuição do conhecimento e à difusão cultural. Mas o resultado de toda essa *Galáxia de Gutenberg* depois de alguns poucos séculos é um abismo social e uma diferença de classes que nem de perto nem de longe se compara aos tempos da Revolução Francesa, onde ao menos houve um levante de seu povo contra aquele poder que se dizia instituído por um Deus de direito e que já não representava mais ninguém. Naquela época os livros já tinham surgido com novas esperanças, mas ninguém sequer sabia ler, muito menos escrever. Uma elite da comunicação. Então para que tantas promessas para uma multidão que nem sabe ler? E assim gira (ou girava) a *Galáxia de Gutenberg*, e assim começa a girar a *Galáxia de Zuckerberg*.

A vida do capitalismo tardio é um rito permanente de iniciação. Todos devem mostrar que se identificam sem a mínima resistência com os poderes aos quais estão submetidos. (ADORNO e HORKHEIMER, 1990, p. 190)

O poder soube criar desejos e necessidades para vender mercadorias que ajudaram estranhos interesses de estranhas pessoas com suas estranhas corporações a consolidarem a destruição das tradições orais e dos instintos ambientais de cada povo por onde passou, em um movimento difícil ou quase impossível hoje em dia de ser revertido. Somos encarnações de espíritos que tem memória,

espíritos saudosistas de um tempo-não tempo. Gerações todavia vivas tem essa memória, de um tempo não obrigatório, não compulsório em ser ocupado enquanto sinônimo de ser vivido.

O exame da origem e desenvolvimento das extensões individuais do homem deveria ser precedida por uma vista de olhos sobre alguns aspectos dos meios, ou extensões do homem, a começar pela nunca explicada insensibilidade que cada extensão provoca no indivíduo e na sociedade. (McLUHAN e FIORE, 1969, p. 18)

Desde as origens da imprensa de Gutenberg até hoje, cada novo meio surgiu aliado aos interesses daqueles que, rapidamente, se utilizaram desses instrumentos com uma fome de impor-se sobre a cultura de cada espaço onde desembarcava. Foram verdadeiras revoluções culturais em torno de cada nova tecnologia de comunicação.

O livro, que depois fez desenvolver toda uma cadeia e uma cultura pautada na mídia impressa sofreu com a chegada do rádio. O rádio sofreu com a chegada do cinema que sofreu com a chegada da TV, que está sofrendo com a chegada da *internet*.

Sempre, a cada nova tecnologia, as profecias sempre foram de que aquela tecnologia já estava obsoleta e fadada ao desaparecimento. Os livros desapareceriam com o rádio, o cinema desapareceria com a TV, que desapareceria também com os livros, que desapareceriam com os jornais, que desapareceriam com as revistas, que por sua vez desapareceriam com a TV que novamente dizem que irá desaparecer com a *internet* que dizem, vai desaparecer com toda a *Galáxia de Gutenberg* que a precedeu.

Será a *internet* o buraco negro da *Galáxia de Gutenberg*, símbolo para a derrocada das utopias gestadas ao longo do século XX? E se for, será que isso não faz ressuscitar o narrador de Walter Benjamin? A resposta é sim se ela não acabar consigo mesma fazendo a manutenção do movimento entrópico que torna tudo obsoleto e que abandona suas estrelas ao esquecimento de seus próprios buracos negros.

O paradoxo ou o dilema que nos torna perplexos e desalentados quando consideramos a hipótese de corrigir ou lutar contra a obsolescência é simplesmente o medo de que devamos perder a coerência, a clareza, a compatibilidade e mesmo a sanidade, se abandonarmos o obsoleto.

Existe, entretanto, um outro lado da obsolescência. Claramente, se alguma parte de um sistema cultural “fica para trás”, deve haver uma outra parte que evoluiu “depressa demais”. A obsolescência é o contraste entre os dois componentes. Se o atraso de uma parte é devido à metade interna da seleção natural, é normal então supor que as raízes de um “progresso” tão rápido – se você quiser – serão encontradas nos processos da seleção externa. (BATESON, 1986, p. 226) ■

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BATESON, Gregory. **Una unidad sagrada – pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente**. Barcelona: Gedisa, 1993.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza – a unidade necessária**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- ENGEL, Pascal e RORTY, Richard. **Para que serve a verdade?** São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- ENTROPIA. In: *Wikipedia*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Entropia>. Acesso em: 30 out 2016.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e Verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão – guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. São Paulo: Estações das Letras e Cores, 2014.
- LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo / Helsinki: Edições SESC / N-1 publications, 2014.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg – a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional/ Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. **Guerra e Paz na Aldeia Global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. **O Meio são as *Massa-gens* – um inventário de efeitos**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MCLUHAN, Stephanie e STAINES, David. **McLuhan por McLuhan**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

O PLANO DO FACEBOOK. In: *Carta Capital*. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/revista/941/qual-e-o-plano-do-facebook-para-dominar-o-mundo>.

Acesso em 13 mar 2017.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 2 – a configuração do tempo na narrativa de ficção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e das Cores, 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. **Glocal: visibilidade midiática, imaginário bunker e existência em tempo real**. São Paulo: Annablume, 2012.

VIRNO, Paolo. **Gramática da Multidão – para uma análise das formas de vida contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2013.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor – estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: texto apresentado para a conclusão na disciplina de Teorias Culturalistas da Comunicação, em 2016, como etapa para a apresentação final para a banca do Mestrado em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Título: A Galáxia de Zuckerberg e a formação do narrador eletrônico. Ano de Obtenção: 2018.

Fontes de financiamento: Fundação São Paulo – FUNDASP, Brasil.

Apresentação anterior: “não se aplica”.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Profa. Dra. Lucrécia D’Alessio Ferrara.

Davi Junqueira Marin

Possui graduação em Comunicação Social - hab. em publicidade e propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM, 2002). Com especialização em Gestão Pública e Gerência de Cidades pela UNESP de Araraquara – SP (2005), é mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC, 2018 e 2022). Após atuação na prática do mercado em design editorial e publicidade, tem experiência como professor pela UNICEP, em São Carlos - SP, com publicações e participações em eventos com ênfase em Dimensões Políticas da Comunicação, atuando como pesquisador autônomo principalmente nos seguintes temas: narrador popular eletrônico, cibercultura, verdade dos meios com as *fakes news*, entropia social e obsolescência.

E-mail: marin.davi@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6231-1136>